

# **MENSAGENS V**

**2001 - 2004**

## Índice

Introdução...	3
1. Trabalho em Equipe .....	7
2. Conhece-te a ti mesmo .....	11
3. Prioridades .....	17
4. Mística.....	24.

## ***Introdução***

Em Mensagens anteriores, prestamos especial atenção ao desenvolvimento de nossa vida interior. Nestas Mensagens vemos como a nossa vida interior está tão entrelaçada a nossa vida exterior que não podemos separar uma da outra. O que pensamos e sentimos influi – e geralmente determina – o que fazemos e vice-versa: o que fazemos e as reações que geramos não só influem sobre o que sentimos, mas também sobre a nossa noção de ser, nossas prioridades e nossa mística.

No entanto, quando nos referimos a nossa vida espiritual, tendemos a considerar apenas os nossos estados interiores e as nossas práticas de introspecção, e pomos em outro cenário o que nos ocorre em nossa vida diária: seus desafios, seus problemas, suas contrariedades.

É assim que às vezes reduzimos a vida espiritual à pequena porção que consideramos valiosa em nossa realidade – a que acedemos em breves momentos – para submergir-nos logo em seguida no resto de uma vida que muitos de nós consideramos ordinária, material e penosa.

Se integrarmos os momentos que nos dedicamos a nossa vida espiritual em todo o tempo de nossa vida diária, poderemos desenvolver-nos com maior facilidade e presteza. Para isso necessitamos prestar especial atenção aos aspectos exteriores de nossa vida e trabalhar sobre eles para harmonizá-los com o que pensamos e sentimos em nossos momentos de introspecção.

Recordemos que nosso estado de consciência se expressa de acordo com os limites que pomos a nosso contexto e, especialmente, com a natureza das relações que estabelecemos nele.

Atualmente estamos conectados com todo o mundo, mas isso não implica que nosso mundo pessoal–nosso contexto–tenha essa dimensão. Por extensos que sejam os limites com que

imaginamos o mundo, os limites do mundo em que vivemos habitualmente podem ser muito reduzidos.

Se tendemos a olhar-nos, apenas a nós mesmos, quiçá o nosso contexto não seria maior do que o nosso corpo, os nossos interesses imediatos, os nossos prazeres, as nossas dores. Se somos mais amplos, nossos interesses e nossos objetivos também se estendem. Mas também podem estender-se não porque sejamos amplos, mas por ambição e ânsia de poder. Podemos aproveitar a notável facilidade de comunicar-nos onde quer que estejamos para aumentar desmedidamente nossos bens, para aproveitarmos de outros ou para travarmos lutas de conquista e domínio.

O certo é que a visão do mundo que agora temos nos abre a porta para uma consciência universal; mas esta é somente uma possibilidade potencial. O desafio desse potencial se centra principalmente em nossa capacidade para reconhecer a natureza das relações que estabelecemos no contexto em que estamos e melhorar sua qualidade até que essas relações não só sejam harmônicas, mas que essa harmonia seja espontânea em nós.

Como podemos responder positivamente a esse desafio?

Começemos por reconhecer os limites de nosso contexto particular; este contexto é, em nosso entender, a base sobre a qual podemos trabalhar em nosso desenvolvimento.

Por pequeno que seja nosso contexto – nossa família, nosso grupo, nossa coletividade – descubramos com honestidade a qualidade de nossa relação com as pessoas que o compõem e também com o seu entorno.

Para avaliar a qualidade de nossas relações, imaginemos o nosso contexto como um organismo e recordemos que a saúde de um organismo depende do grau de harmonia com que suas partes cumprem suas funções. Poderíamos imaginar essa harmonia como um trabalho de equipe em função de um objetivo comum. No caso do corpo humano, podemos imaginar que o objetivo é a saúde do corpo; no caso do corpo

da humanidade o objetivo seria seu desenvolvimento integral, tanto a respeito de sua consciência quanto de seu conhecimento. Trabalhem, então, para lograr essa harmonia trabalhando em equipe em prol deste objetivo.

Trabalhar em equipe nos mantém conscientes de que, desde o ponto de vista da humanidade, o desenvolvimento espiritual é o desenvolvimento de todo o conjunto. Cada um de nós é responsável pela harmonia de seu contexto para que esse desenvolvimento ocorra. Na medida em que compreendemos isto, os nossos momentos espirituais transcendem os de recolhimento, oração ou reflexão e abarcam até os pequenos detalhes de nossas relações cotidianas. Quando isto ocorre, abrem-se nos os limites de nosso contexto e se expande espiritualmente o nosso estado de consciência.

Compreendemos então o fictício de falar de vida material e vida espiritual. A vida não se divide; só nós a dividimos pela maneira como atuamos e nos relacionamos. A nós nos cabe uni-la com nosso trabalho para manter harmônicas as relações que implicam viver espiritualmente.

O trabalho em equipe em todas as áreas de nossas relações influi sobre a ideia que temos de nós mesmos. Cada vez que expandimos um pouco o nosso estado de consciência também se expande nossa a noção de ser. A noção de ser independente e isolada do entorno que podemos ter na infância tende ser interconectada e participante com tudo o que existe. Ter presente este processo nos ajuda a deixar, uma a uma, as ideias feitas que vamos tendo sobre nós mesmos, como quem descascasse uma peça para chegar a seu centro.

Da mesma maneira, o desenvolvimento de nossa noção de ser influi sobre nossas prioridades. Para a noção de ser que pode ter uma criança, a prioridade pode ser obter um brinquedo; para a de um adulto, seguramente será um bem mais permanente.

Para manter ativo nosso processo de desenvolvimento é bom que não só nos digamos que buscamos um bem transcendente mas que também sustentemos em nossa mente esse objetivo como prioridade fundamental, porque dessa maneira adquirem sentido todos os demais objetivos circunstanciais de nossa vida e toda ela é espiritual.

É assim como realizamos nossa mística.

Desde este ponto de vista, podemos dizer que vivemos uma mística quando espiritualizamos toda nossa vida, quando cada um de seus instantes está iluminado e orientado por nossa prioridade fundamental: a realização de nossa vocação espiritual.

## **1. Trabalho em Equipe**

Prestemos atenção a nosso método para manter bem orientado o nosso trabalho espiritual.

O método de Cafh responde ao fato de que a nossa vida interior é inseparável da exterior e que nos desenvolvemos em relação.

O método organiza a reunião de almas de Cafh em grupos, e estes em Távolas.

O propósito e a tarefa dos grupos de Cafh é conseguir entre seus membros a relação que desejamos para toda a humanidade. E consegui-la agora. Este propósito em comum faz dos grupos equipes de trabalho.

Os membros dos grupos de Cafh nos re-unimos; re-fazemos nossos vínculos sobre a base de uma consciência de participação.

O propósito e a trabalho da Távola é nutrir e sustentar o desenvolvimento espiritual de seus membros, proporcionando a cada grupo e a cada membro de cada grupo o âmbito adequado para alcançar esse fim. Esse trabalho faz da Távola também uma equipe de trabalho.

Todos os seres estamos unidos, ainda que nem sempre sejamos conscientes desta união. O trabalho em equipe desperta, mantém e aumenta essa consciência.

Cada um de nós tem antecedentes, história, etnia, crenças e características diferentes. Para que essas diferenças não nos separem, fazemos um trabalho de equipe cujo propósito é desenvolver-nos, compreender-nos e amar-nos uns aos outros.

O desenvolvimento individual e o do grupo são interdependentes. O trabalho individual interior se equilibra e se harmoniza com o trabalho no grupo. Cada um de nós trabalha sobre si mesmo e, ao mesmo tempo, trabalha como

parte do grupo. O grupo trabalha sobre o próprio grupo como ente responsável por seus integrantes, e o faz sobre o propósito comum.

O grupo é o campo necessário para aplicar e avaliar o trabalho interior que efetuamos sobre nós mesmos. Nossa participação no grupo nos permite verificar se a impressão subjetiva que temos sobre a nossa vida espiritual nos momentos de introspeção corresponde com a nossa maneira de atuar.

O trabalho interior está sujeito a avaliações subjetivas, nas quais somos juiz e parte ao mesmo tempo. A relação no grupo, em troca, permite avaliar o nosso trabalho interior com maior objetividade. Que sentido teria o trabalho espiritual se não reportar um avanço em nossa relação com o grupo e com cada um de suas integrantes?

O afeto entre os membros do grupo é o resultado da atitude de aceitação e respeito de cada um para com os demais, e das ações individuais consequentes com essa atitude.

Geramos amor aceitando as diferenças, sentindo o que o outro sente, compartilhando alegrias e dores, apoiando-nos mutuamente, trabalhando juntos e buscando crescer em compreensão de uns para com os outros e participação de uns com os outros.

Como melhorar as respostas que damos quando nos encontramos ante uma situação conflituosa com alguém do grupo ou com o próprio grupo?

O trabalho em equipe se baseia em uma atitude aberta e livre de prevenções e autojustificações defensivas para receber retroalimentação e em um compromisso firme que nos sustente quando houver dificuldades.

Cada um de nós é parte integral do grupo. O erro e o triunfo de qualquer um do grupo são o erro e o triunfo de todos os seus integrantes.



Nosso amor a todos os membros do grupo é a via pela qual corre a força que dá coesão e dá vida ao grupo. Cada um de nós é responsável pelo grupo e todos somos responsáveis por cada membro do grupo. Por isso é necessário que escutemos, validemos e perseveremos no trabalho em equipe.

O trabalho em equipe sobre o próprio grupo implica o desafio de superar os mesmos antagonismos e desencontros que existem entre os indivíduos na sociedade. É assim que o grupo tem que haver-se com os mesmos impulsos competitivos, agressivos e personalistas que cada um de nós traz consigo de sua história e de seu meio.

As reações comuns ante um conflito são, ou de impor-nos sobre quem cremos produz o conflito para anulá-lo e invalidá-lo ou separar-nos do grupo, pretendendo tirar-lhe a validade.

Impor-nos aos outros ou anulá-los talvez nos faça sentir bem e triunfantes, mas des-integra o grupo. Se nos deixássemos levar por esse impulso, estaríamos destruindo o bem que pretendemos estar construindo.

Separar-nos do grupo quando nele aparece um conflito é uma fuga; é escapar de uma realidade que não temos o desejo ou a capacidade de assimilar e superar, mas que continuará existindo, mostrando-nos o passo que nos negamos a dar.

Para melhorar estas respostas é necessário vermos que cada conflito é um desafio, uma dificuldade que necessitamos superar se queremos continuar desenvolvendo-nos como grupo e também como indivíduos.

Recordemos alguns dos meios que temos para superar conflitos:

- Autoanálise
- Observação objetiva do grupo
- Diálogo
- Estratégias construtivas decididas em consenso.

Ser parte integral de um grupo implica um compromisso implícito com o fim comum, o qual temos de tornar explícito, desenvolvendo nossa capacidade para aceitar as características particulares de nossos companheiros e a fortaleza interior para ver o que temos que trabalhar em nós mesmos para nos harmonizar com o grupo.

Se queremos nos desenvolver, temos que nos esforçar e enfrentar com decisão cada uma das situações que se nos apresentam, especialmente as dificuldades de relação que requerem que nós mesmos reconheçamos nossas limitações.

Trabalhar em equipe é, na prática, aprender a viver em harmonia. Talvez esse seja o objetivo de nossa existência neste mundo. O progresso material pode tornar nossa vida mais longa e mais cômoda. Mas é evidente que essa não poderia ser a razão dos trabalhos da vida. Em troca, podemos aprender a viver em harmonia em qualquer condição material em que estejamos. Para isto necessitamos reconhecer primeiro que compartilhamos a vida com todos os seres humanos e que, em consequência, necessitamos aprender a viver como partes inseparáveis do grande corpo da humanidade.

Trabalhemos nós, Filhos e Filhas de Cafh, para a saúde da humanidade e a felicidade que todos poderemos alcançar. Começemos, então, por aprender a viver harmonicamente em nosso grupo espiritual, em nossa família, em nossa sociedade.

A união mística será a consequência.

## 2. Conhece-te a Ti Mesmo

O conhecido aforismo “Conhece-te a ti mesmo” propõe a sabedoria como objetivo e assinala o processo que nos leva a alcançá-la; também assinala o ponto do qual partimos para iniciar esse processo: conhecer a nós mesmos, aqui e agora.

Fazendo um paralelo, podemos dizer que trabalhar sobre a expansão de nosso estado de consciência – e, em consequência, aprofundar a nossa mística – supõe reconhecer não só o ideal que nos move e o processo que necessitamos transitar para realizá-lo, como também *reconhecer o ponto de partida obrigatório: o estado de consciência no qual operamos agora*. Este reconhecimento é a base sobre a qual podemos assentar com firmeza o nosso trabalho de desenvolvimento.

Apesar de crermos conhecer-nos, da confiança que temos de que o que sentimos é a realidade e da certeza que atribuímos a nossas interpretações, estes juízos subjetivos não são suficientes para conhecermos o nosso estado de consciência. Nossa limitação perceptiva, unida a nossa propensão a negar o que não queremos reconhecer e a justificar-nos ante o que não queremos aceitar, põe em dúvida as nossas apreciações subjetivas acerca de como somos, do que nos acontece e do que acontece em geral.

Nosso estado de consciência, em geral, não é evidente a nossos olhos.

O que fazer?

Observemos o estado do mundo de hoje.

O mundo não está fora de nós; o mundo somos nós. Não temos fundamentos para pensar que a nossa relação com Deus possa ser melhor do que a que temos entre nós. A mística que podemos experimentar não pode ser de uma natureza diferente da relação que temos com a humanidade da qual somos parte. O que observamos fora, como discriminação, injustiça, privilégio, revela o que temos dentro. Não há um “fora” na vida, um “outro”; tudo está integrado,

por mais que a nossa percepção enganosa e nossos mecanismos de defesa nos digam algo diferente. Observando o mundo a nosso redor teremos a evidência do estado de consciência no qual estamos vivendo os seres humanos e, portanto, cada um de nós.

Mas observar o mundo não basta; é muito fácil escapar e dizer “eu não sou assim”. Reconheçamos que nós participamos deste estado de consciência geral, seja o que for que pensemos acerca de nós mesmos e de nossa mística.

Para sair do círculo vicioso do autoengano e poder reconhecer nosso estado de consciência atual temos que, além disso, apoiar-nos em evidências de nossa própria vida.

Quais podem ser essas evidências?

Tenhamos presente que viver é interagir e que tudo o que fazemos afeta tanto a nós quanto aos que nos rodeiam, a nossa sociedade e ao mundo no qual vivemos. Estes efeitos se expressam em novas interações, e assim sucessivamente. Chamamos relação a esta sucessão de interações, e estas são fatos. As evidências com as quais podemos contar, então, são provenientes da relação que temos com a vida, expressa nos fatos cotidianos.

Como avaliar essas evidências? Para não ficarmos em uma apreciação abstrata dos fatos, prestemos atenção aos efeitos que produzimos com nossas ações.

Observemos, analisemos e avaliemos com equanimidade as reações que produzimos a nosso redor e conheceremos em que estágio nos encontramos no processo de nosso desenvolvimento: qual é nosso estado de consciência atual.

Para conhecer nossa conduta, ampliemos a perspectiva e observemos os dois componentes que nos informam sobre ela: o que acreditamos que dizemos ou fazemos e o que o entorno percebe que dizemos e fazemos. E validemos a resposta do entorno. Depois comparemos essas duas perspectivas e contrastemo-las; a partir de dali tiremos nossas

conclusões. Quando golpeamos um vidro, não é a nossa mão, mas é o vidro que nos mostra se o golpe foi suave ou tão forte que provocou a sua ruptura; se nos ferimos ao quebrá-lo, não tem sentido que responsabilizemos o vidro; fomos nós quem demos o golpe.

Observemos, além disso, as respostas do entorno a diferentes tipos de condutas. Quando cremos saber tudo e opinamos sobre qualquer coisa, quando não reparamos nos meios para conseguir o que queremos, quando medimos os outros com padrões mais severos do que os que aplicamos a nossa conduta, quando buscamos privilégios invocando direitos que negamos a outros, quando reclamamos justiça culpando os outros sem fundamento, quando validamos somente os que pensam como nós e fazemos grupos a parte com eles, recebemos respostas muito diferentes de nosso entorno do que quando nos localizamos como um a mais entre todos com uma atitude aberta para aprender, quando somos conscientes do que produzimos em nosso entorno e, sobretudo, quando, além disso, atuamos em consequência com essa consciência.

Observemos o que nos diz a forma como vivemos.

Em que medida nós provemos as nossas necessidades, tanto materiais quanto emocionais, e as dos que dependem de nós? Assumimos nossas penas e problemas, ou os descarregamos sobre os outros? Escapamos de nossos conflitos ou nos fazemos vulneráveis, abrimo-nos à comunicação e assumimos a nossa responsabilidade por eles? Quão construtiva é nossa intervenção nos grupos que integramos? Damos apoio?

Observemos a influência que exercemos no ambiente que nos rodeia e a qualidade dos laços de família, de amizade e de trabalho que geramos. Estimulamos ou deprimimos? Geramos temor, ansiedade, tristeza ou alegria e companheirismo? Aceitamos retroalimentação e geramos harmonia ou nos autoalimentamos com nossas próprias justificações? Limitamos nossas relações ao pequeno círculo que nos dá aprovação incondicional?

Observemos a atitude com que nos relacionamos e as conclusões a que nos leva.

Se na vida diária somos agressivos e competitivos, interpretamos a interação em termos de ganhos e perdas. A vida é um campo de luta no qual, para não perder, temos que ganhar a todo custo.

Se na vida diária tendemos a ser passivos, cremos que a vida nos deve bens e felicidade e interpretamos o que nos ocorre em termos de sorte ou desgraça. Pode ser ainda que atribuamos a outros a culpa pelo que nos acontece e, a partir desta perspectiva, expliquemos nossos problemas e as reações negativas que produzimos nos demais.

Se na vida diária temos uma atitude de colaboração, de empenho em dar o melhor em prol do bem comum – sem sermos invasivos e respeitando os espaços de cada um – estimulamos uma resposta similar de nosso entorno. A capacidade de mediação, de gerar bens e bem-estar e também a capacidade de liderança nascem geralmente de atitudes generosas e proativas.

Evidentemente, as nossas atitudes mostram em que grau estamos integrados e em que grau o nosso estado de consciência abarca nosso entorno.

Como sentimos a nossa relação com Deus – a nossa mística – quando vivemos centrados em nossa problemática pessoal? O mais provável é que, introspectivamente, nos coloquemos junto de Deus mirando a um mundo alheio aos dois. Essa relação com Deus implica a negação de nossa realidade e, especialmente, de nossa responsabilidade por essa realidade.

O que ocorre em nossa relação com Deus – nossa mística – quando nos dedicamos a abrir-nos ao entorno e a reconhecer o nosso estado de consciência? Começamos a levar a sério nosso trabalho espiritual sobre nossas relações, aqui e agora.

O único ponto de partida possível com que contamos para dirigir-nos para a união com Deus é o que somos hoje. Nossa relação com Deus também se nutre do que somos hoje e se expressa em nosso diálogo com a vida cotidiana.

Se partirmos da base de que as respostas que nos dá a vida em nosso diálogo com ela são os efeitos que produzem as nossas interações em seu contexto, por que não aplicar a esta relação as normas que tornam frutífero o diálogo?

Observemos, escutemos, validemos e *assimilemos* as respostas que geramos em nossa relação com os demais.

Escutar e validar não basta para que sejamos plenamente conscientes da mensagem que nos dá o meio; necessitamos assimilar essa mensagem. Uma coisa é ter notícia de algo e outra muito diferente é incorporar essa informação a nossa compreensão. Nosso estado de consciência só se expande quando, além de receber informação, assimilamos o que nos diz essa informação e a traduzimos em conduta consequente. Ao assimilar as respostas que nos dá o entorno, elas se incorporam organicamente a nossa compreensão e, conseqüentemente, influem em nossa forma de atuar.

Isto, não o entendemos como termos de ser débeis ou pusilânimes, ou que os outros hão de nos dirigir. Ao contrário, quando assimilamos a mensagem que nos dá o nosso entorno, temos suficiente conhecimento e domínio sobre nós mesmos para não atuar por reação, para tomar com firmeza as rédeas de nossa vida e assumir responsabilidade por nossa conduta.

Arraiguemos, então, a nossa mística na vida diária. Participemos de maneira efetiva, assimilando as respostas da vida para o nosso atuar, começando pelas que nos dá o nosso entorno imediato. Uma vez que logremos esse núcleo de participação, haverá uma onda de consciência que poderá expandir-se. Desta maneira resgataremos do mundo dos sonhos a ideia de alcançar um estado de consciência mais amplo e inclusivo.

Para que a semente crie raiz, temos que plantá-la. Plantemos a nossa mística na realidade cotidiana para que assimile os nutrientes de nossa relação com a vida. A vida corrente, a de todos os dias – a vida que conhecemos –, é o único meio concreto com o qual contamos para desenvolver o nosso estado de consciência e, em consequência, a nossa mística, participar com a humanidade e unir-nos a Deus. É por isso que dizemos que não há uma vida espiritual separada; há somente Vida.



### **3. Prioridades**

A situação do mundo de hoje cria dificuldades para nós. O manejo de nossos problemas imediatos nos exige grandes esforços; o sofrimento de muitos seres humanos nos aflige e a incerteza do que possa ocorrer no futuro nos enche de desânimo. Sem dar-nos conta, a pressão destes sentimentos e a premência com que vivemos vão conformando o padrão de nossas prioridades.

A grande influência que hoje tem o padrão de nossas prioridades sobre nossa conduta perpetua os problemas que sofremos.

Torna-se indispensável reordenar nossas prioridades. Esta possibilidade de reordenamento nos assegura que podemos superar esses conflitos.

Como fazer para alcançar este reordenamento?

Reconheçamos primeiro o aspecto positivo de nossa situação.

Se nos damos conta de que há conflitos é porque desenvolvemos suficiente consciência como para poder identificá-los. Além disso, temos possibilidades de superar esta situação porque se trata de conflitos cuja solução, na maioria dos casos, depende de nós, os seres humanos.

Assumamos, então, a responsabilidade do que nos ocorre. Discirnamos o rumo que nos trouxe ao ponto onde estamos e trabalhemos para nos sobrepor aos problemas que hoje nos afligem, tanto a nós individualmente quanto a toda a sociedade.

Para compreender onde estamos, comecemos por perguntar-nos que atitudes e condutas nos conduziram a esta situação.

O que vemos? Por um lado, proclamamos altos valores: responsabilidade, solidariedade, amor. Por outro, com frequência, ignoramos esses valores. Nossa relação com os que amamos nem sempre é amistosa e a que temos com os

que consideramos estranhos ou culpados por nosso sofrimento é evidentemente antagônica, quando não francamente agressiva. Os que ontem dizíamos amar são, muitas vezes, os estranhos de hoje. Vivemos expostos a múltiplos exemplos de conduta individual, coletiva e institucional que avalizam estes juízos.

Do ponto de vista espiritual, o que poderíamos esperar de nossa mística se continuássemos dentro destas contraposições e atitudes conflituosas? Seriam as nossas práticas espirituais uma mística?

A mística, tal como a descreve a nossa ensinança, pressupõe coerência entre valores e conduta, clareza e congruência entre objetivos.

O caminho que transitarmos de agora em diante dependerá muito mais das prioridades que escolhermos e do que fizermos a respeito delas do que do que professarmos crer e dos valores que dissermos sustentar. Não é com posturas que vamos resolver os conflitos, mas com conduta reta, orientada por objetivos que emanam de nossa vocação de desenvolvimento e de participação com todos os seres humanos.

Observemos, então, as nossas palavras, nossas ações, nossas conquistas. Busquemos o fio que alinhava tanto os nossos êxitos e conflitos pessoais, nossos valores e objetivos quanto os problemas sociais e mundiais que hoje sofremos. Essa busca nos leva a nos perguntar o que é que realmente nos importa, o que mais queremos; em síntese: *qual é nossa prioridade*.

Por trás do que fazemos, e conduzindo o nosso fazer, estão as nossas prioridades. Delas derivam nossos propósitos e, destes, nossas realizações. Essa é a motivação básica que marcou o rumo promissor que temos seguido até agora e o que abriremos de agora em diante.

Como podemos assegurar-nos de que mantemos claro o rumo do desenvolvimento que dizemos ter escolhido? Aprendendo a

avaliar nosso rumo, especialmente através do tipo de prioridades que nos movem a atuar.

Chamamos prioridades aos objetivos que, para nós, precedem em tempo ou em valor a outros que possamos ter.

Como geramos as prioridades que conformam nossos propósitos e orientam nosso desenvolvimento?

Desde que nascemos absorvemos de nosso meio os objetivos que dirigem nossas ações. Ao mesmo tempo, geramos nossos próprios objetivos de acordo com as tendências que prevalecem em nós. Desta maneira, a nossa vida toma um rumo que não é necessariamente o que queremos que tome e que, além disso, muitas vezes não satisfaz a nossa necessidade de sentido.

A vida não expressa por si mesma seu sentido na acepção que nos importa: sua razão de ser. Cabe a nós dar razão para a nossa existência.

Seja qual for o sentido que damos teoricamente a nossa vida, o certo é que as prioridades que mantemos vigentes ao longo do tempo dão o sentido real que prevalece em tudo o que fazemos ou pretendemos alcançar. Também determinam o objetivo para o qual nos dirigimos. Em consequência, revelam o sentido real e concreto que damos a nossa vida.

Em nossas prioridades podemos distinguir as primárias, que basicamente são espontâneas, e as escolhidas que se fundamentam especialmente no discernimento e a vontade.

As prioridades primárias derivam do instinto de conservação de nossa espécie.

O impulso cego para sobreviver gera nossas reações automáticas de defesa e ataque, de competição e luta por prevalecer; gera também nossa maneira de desafiar a incerteza e a morte procurando riqueza, ou poder, ou ambos.

Porém o impulso por prevalecer nem sempre é compatível com o propósito de colaborar; o de ganhar a qualquer custo não é compatível com o de participar; o de autocomprazer-nos com o de abnegar-nos pelo bem dos demais.

No entanto, resulta-nos difícil distinguir os impulsos que nos movem. A mesma capacidade de arrazoar que nos permite discernir, volta-se contra nós quando a usamos para argumentar de acordo com os desejos que respondem a impulsos primários orientados em sentido oposto ao da expansão de nossa consciência.

As prioridades escolhidas derivam da consciência de ser que desenvolvemos e da vontade que nos permite aplicá-las. Segundo seja o grau desse desenvolvimento e o grau de vontade será o tipo de prioridades que realmente elegemos. Quanto mais ampla é nossa consciência, mais prioritária se nos faz a necessidade de seguir desenvolvendo-a. Quanto mais forte a nossa vontade, mais provável é que possamos manter vigente essa prioridade.

O trabalho de desenvolvimento consiste basicamente em separar e orientar os impulsos gerados pelas prioridades primárias para dar lugar ao desenvolvimento da consciência e, com esta, ao da vontade que nos permite tornar efetivo nosso arbítrio. Damos os primeiros passos nesse trabalho quando elegemos um objetivo que transcende a mera sobrevivência e reordenamos nossas prioridades de acordo com esse objetivo.

Mas faz falta alguma coisa a mais que a de eleger um objetivo e reordenar teoricamente as prioridades para que a nossa vida se dirija para esse objetivo. Não podemos apagar de nosso inconsciente a marca da espécie. As prioridades primárias geram impulsos que permanecem paralelamente ao nosso intento de encontrar valores transcendentais, e em muitos casos se contrapõem a nosso esforço para desenvolver-nos. Como em qualquer membro de nossa espécie, mantém-se em nós uma força que nos impulsiona a prevalecer e a evitar o sofrimento pessoal. Não escolhemos esse impulso; ele é intrínseco a nossa natureza. Mas se lhe dermos rédea solta, se

não o discernimos e orientamos, dificilmente avançaremos muito mais além da consciência natural da espécie.

Perguntemo-nos com sinceridade em que medida damos um sentido positivo a nossas prioridades primárias e em que medida elas nos controlam. É importante que determinemos isto, já que o domínio que tenhamos sobre os impulsos que elas geram e a orientação que dermos a essa energia também estabelece a índole de nossas relações, seja com as pessoas, recursos, possibilidades ou com valores éticos e espirituais.

Em síntese, a nossa prioridade fundamental e a vontade que aplicamos para cumpri-la determinam a qualidade e o sentido real que damos a nossa vida.

Não confundamos, então, discurso com realidade. À força de dizer e de dizer-nos sobre o ideal elevado que nos move, podemos chegar a desconhecer a brecha entre as nossas prioridades ideais e as reais que aplicamos no dia a dia. Por isso, além de prestar atenção aos anseios que dizemos ter, fixemo-nos em nossa vontade de fazer desse ideal nossa prioridade, não só em uma ordem teórica ou abstrata, mas também na ordem vital de nossos pensamentos e ações. E tomemos com decisão o comando de nosso processo de desenvolvimento.

Coloquemos de lado o nosso discurso. Não só o que temos para os demais, mas também o que apresentamos diante de nós mesmos. Revisemos quais são nossas prioridades reais e atuais, reconheçamos para onde estamos indo e reordenemos nossas prioridades no que for necessário reordenar.

Para ajudar-nos não necessitamos de métodos sofisticados, mas de simplicidade e honestidade em nossas avaliações.

Ao despertar pela manhã e considerar o dia que temos pela frente, descerremos a cortina de compromissos que temos que cumprir e olhemos o que há por trás deles. Deixemos claro para nós mesmos o que buscamos por trás das contingências

que vamos enfrentar, qual é o nosso objetivo primordial por trás de nossas preocupações e ocupações. Façamos disto o conteúdo de nossas meditações.

Durante o dia, perguntemo-nos a quais prioridades estamos respondendo. Buscamos complacência? Compadecemos-nos de nós mesmos? Lutamos para nos impor? Especialmente, façamo-nos essas perguntas quando tomamos decisões, quando nos envolvemos em discussões ou disputas, quando temos que decidir se honramos ou não compromissos. E sejamos honestos na resposta. Não tenhamos desvelar o personalismo de nossa agenda, se vislumbrarmos que é personalista. Observemos nossas prioridades para ajustar nosso rumo e assegurar-nos de que nossa vida mantém um sentido transcendente.

Antes de descansar à noite, revisemos o que fizemos, meditemos sobre a prioridade que motivou nossas decisões e respostas às demandas do dia, e cotejemos essa prioridade com o ideal que professamos ter.

Recordemos todos os dias que o que buscamos habitualmente revela nossa prioridade fundamental e que para ela nos dirigimos, que esse é o verdadeiro sentido que damos a nossa vida.

Certamente, estas reflexões não bastam para que alcancemos o que nos propomos; mas isso não há de desanimar-nos. Ao contrário, nossa capacidade crescente de reconhecer nossos mecanismos de defesa, nossas reações revela que estamos nos adiantando. É natural que se mantenha uma distância entre o ponto onde estamos e o horizonte que nos move a expandir nossa consciência. Nossa plenitude atual se nutre da certeza de que estamos fazendo tudo de nossa parte para expandir nossa consciência sem enganar-nos, por mais trabalhoso que seja para nós acomodar nossa conduta às prioridades escolhidas.

Se a prioridade de todos fosse o bem comum, seria fácil conseguir uma convivência que nos estimule a manter-nos

conscientes do grande quadro da vida e que ponha em relevância o objetivo transcendente que dá sentido à vida humana. Também seria fácil acabar com a fome, a guerra, a violência e a mediocridade.

Para que alguma vez o bem comum seja a prioridade de todos, comecemos por fazer com que essa seja a nossa prioridade e atuemos nesse sentido com decisão e vontade forte. Isto fará com que também nossa mística se enraíze na realidade e, sobre esta base, abramos caminho para a união divina. Quando nossa mística se faz realidade, nossas meditações se tornam vitais e se aviva o nosso amor para aprofundar cada vez mais no que já cremos saber. Quando nossa mística adquire realidade, mostra-nos que está a nosso alcance encontrar e aplicar soluções a nossos problemas e para os da humanidade.

Discirnamos as prioridades que marcam o caminho que estamos abrindo em nossa consciência; reordenemo-las de acordo com a clareza interior que passo a passo conquistamos e concentremos nossa vontade em manter o sentido que nos marca nossa necessidade fundamental de desenvolver-nos. Este desenvolvimento hoje insta-nos a unir-nos a todos os seres humanos. Chegamos ao umbral do divino através do âmbito humano.

Manter vigente nossa prioridade fundamental e uma vontade consequente com ela é prenda segura de que damos a nossa vida um sentido transcendente e de que tornaremos realidade a possibilidade de amar e de viver em paz e harmonia com todos os seres humanos. Esta conquista abrir-nos-á a senda para a união divina.

## 4. Mística

Em sua acepção tradicional, mística significa a experiência de união com Deus. Deste ponto de vista, a mística representa o objetivo do que acostumamos chamar vida espiritual.

Em um contexto mais amplo, o conceito de mística inclui o percurso que nos leva para a união com Deus; é por isso que associamos a vida espiritual a um caminho místico. Partindo deste enfoque distinguimos, na mística, dois aspectos principais: as experiências místicas e o processo místico.

A percepção temporária - geralmente breve - de um âmbito de consciência maior do que o habitual em nós é o que chamamos experiência mística.

Embora em um sentido estrito experiência mística seja a união com o divino, na prática, as experiências místicas cobrem uma ampla gama de vivências, desde momentos de exaltação emotiva a experiências profundas de contemplação. Como estas últimas requerem uma exercitação intensa e prolongada em um regime de práticas ascéticas adequadas a esse propósito, regime que poucos de nós podemos ou queremos seguir, o normal é que nos conformemos em associar nossa mística às emoções que nos produzem algumas prédicas, leituras, imagens, cânticos ou cerimônias relacionadas a temas que consideramos espirituais. Esses momentos emotivos estimulam nossa devoção e reverência ao divino; no entanto, cuidamos de não transformá-los no objetivo último de nossa mística, de não confundir estímulo com objetivo.

Como essas experiências místicas são subjetivas, quando as consideramos como a totalidade da mística, tendemos a contrapor a mística aos processos cognitivos. Esta tendência costuma levar-nos ao extremo de crer que o que pode ser explicado, arrazoado e ponderado é alheio à mística.



No entanto, graças aos processos cognitivos podemos entender nossa relação com o que nos rodeia, desenvolver empatia e abrir caminho para âmbitos de consciência mais inclusivos. A mística não é alheia a esses processos; ao contrário, lhes dá sentido e orientação.

A expansão progressiva de nosso estado de consciência, que nos une a âmbitos de existência cada vez mais amplos, dá-se através do que chamamos processo místico.

O processo místico abarca todos os aspectos do potencial humano; entre eles, as capacidades cognitivas que desenvolvemos e as experiências que vivemos são indispensáveis para a evolução de nossa noção de ser e de nosso sentido de participação.

Um processo supõe mudanças de estado; na mística, implica mudanças na noção de ser. Através da interação, nos primeiros anos de vida desenvolvemos a nossa noção de ser até um certo ponto. Com o tempo, consolidamos essa noção de ser com o sentido de pertencimento que nos acompanha. É então quando começa a diminuir notavelmente o ritmo do desenvolvimento de nossa noção de ser. Para que esta situação se reverta, é necessário que, além de aparecer em nossa consciência a necessidade de sentido, essa necessidade se faça imperativa. Quando isto ocorre, também se faz imperativo contar com meios que nos levem a satisfazer essa necessidade.

Desse ponto de vista, podemos considerar a mística como um processo ascético-místico. A ascética se refere aos meios que propiciam o desenvolvimento do estado de consciência; a mística se refere ao carácter desses meios e à forma como expressamos na vida o que logramos através deles.

A ascética mística de Cafh se baseia em sua Doutrina, e é composta pela Ascética da Renúncia e pela Mística do Coração.

Chamamos Ascética da Renúncia ao trabalho sistemático de conscientização dos processos mentais, dos sentimentos, da conduta e das decisões. Este trabalho se baseia no sentido de

participação.

Chamamos Mística do Coração à concepção de nosso destino de união com Deus, à intenção que motiva uma consciência de participação e à atitude e conduta que a expressam. Essa intenção sinaliza o caminho para um amor real; essa atitude e essa conduta são os passos para percorrer esse caminho.

Em nosso estado de consciência habitual, nossa identificação espontânea com o âmbito de interação imediato estabelece o nível de nosso estado de consciência. Desse âmbito derivam-se a nossa noção de ser e o lugar que nos atribuímos em nossa percepção do mundo. Nosso sentido de identidade e de pertencimento se circunscreve ao âmbito com o qual estamos identificados, independentemente das teorias sobre o ser e o mundo às quais possamos aderir-nos.

Quando, através de um trabalho deliberado e sistemático sobre nós mesmos e sobre nossas relações conseguimos que se torne habitual em nós um estado de consciência mais amplo do que o que adquirimos de forma espontânea, podemos dizer que avançamos no processo místico. Se continuarmos com o mesmo trabalho e, progressivamente, alcançarmos mais amplitude em nosso estado de consciência habitual, esse será um novo avanço no processo místico.

No entanto, não nos é fácil produzir este tipo de mudança. Ainda que nos seja evidente que a vida é mudança, custa-nos aceitar as mudanças que interpretamos que atentam contra a nossa concepção do que somos e do lugar que ocupamos no mundo. Inclusive podemos ter prevenções a respeito das mudanças próprias do processo místico, já que nos levam a reconsiderar o que pensamos e sentimos sobre nós mesmos.

Também são difíceis de aceitar as mudanças que se referem a nossa identificação com o nosso entorno. Embora uma identificação determinada suponha empatia com um certo entorno, também promove uma atitude defensiva, protetora do sentido de identidade, de pertencimento e das concepções próprias desse entorno. Quando nos identificamos totalmente com um entorno, tudo o mais é, para nós, o alheio.

Para superar nossas defesas inconscientes e promover nosso desenvolvimento, a Ascética da Renúncia nos oferece um método de vida como instrumento de desenvolvimento.

O método de vida se desprende da consciência de participar com toda a humanidade. Discernimos nossas necessidades e opções com base na situação atual não só do grupo no qual nos incluímos, mas também da situação em que hoje se encontra a maioria dos seres humanos. Além disso, tanto nosso compromisso de cuidar do meio ambiente quanto o que temos com as próximas gerações formam parte de nossa base moral e espiritual para a tomada de decisões.

As pautas da Mística do Coração – intenção e atitude, ligadas à participação, ao amor e à empatia – orientam nosso método de vida. Quanto mais inclusiva – menos egoísta – é a intenção, mais ampla é a participação. Quanto mais aberta e receptiva é a atitude, mais profundo e efetivo é o desenvolvimento do amor e da empatia.

O método de vida inclui exercícios, práticas e um guia de conduta.

Exercícios são, por exemplo, a oração, a meditação, a introspecção.

A oração nos mantém conscientes de nosso pertencimento ao contexto universal, estimula em nós o respeito por todos os seres humanos, a reverência ao mistério divino e a suas expressões na vida.

A meditação dá domínio sobre a mente e nos ensina a orientar os pensamentos e sentimentos de acordo com o sentido que damos a nossa vida.

A introspecção desenvolve a capacidade de autoanálise e avaliação de nossa conduta.

As práticas são, por exemplo, retiros e reuniões periódicas.

Os retiros nos proveem um tempo de reflexão, uma certa distância de nosso entorno habitual, o que nos facilita compreender nossa vida e seu rumo.

As reuniões periódicas cumprem basicamente três funções: de aprendizagem, de prática e de harmonização relacional.

Como aprendizagem, são um âmbito no qual compartilhamos conceitos que ampliam nossa visão da vida e de nós mesmos.

Como prática, as reuniões periódicas têm dois aspectos: efetuar exercícios que nos ensinam a dominar e orientar nossos pensamentos e sentimentos e projetar maneiras de aplicar na vida diária os conceitos que aprendemos.

O aspecto relacional das reuniões se baseia na ideia de que o processo místico individual é inseparável do processo místico de grupo. Com base neste enfoque, o propósito das reuniões periódicas é impulsionar o processo místico do grupo como grupo; seu objetivo imediato é a harmonia do grupo que se reúne. A relação entre os que formam a reunião mostra o nível do estado de consciência de cada um dos participantes; o compromisso de cada um deles de harmonizar a relação com todos mostra também o compromisso com o próprio desenvolvimento, e o fruto que conseguem na relação do grupo mostra o fruto individual que obtêm dos exercícios ascéticos que praticam. O trabalho em equipe dos grupos de Cafh tem como finalidade o desenvolvimento espiritual do grupo como grupo e a contribuição para a sociedade dos bens espirituais que o grupo gera.

Do ponto de vista de participação, as reuniões periódicas são particularmente benéficas quando são inclusivas. Isto é, quando o grupo está formado por integrantes de diferentes entornos e, especialmente, quando o grupo se forma com a

intenção de amar, compreender, participar e aprender uns com os outros.

O guia de conduta marca um sentido para a nossa conduta. Podemos ser irrepreensíveis em nossos atos de acordo com padrões convencionais e, no entanto, egoístas e antagônicos em nossas relações. Como prática, o guia de conduta nos mostra dois passos concretos e imediatos que, se os déssemos, impulsariam com força nosso processo místico: trabalhar em equipe e harmonizar nossas relações não só nos grupos que formamos nas reuniões periódicas, mas em todos os grupos de nosso entorno: o familiar, o profissional, o social, o espiritual.

A Ascética da Renúncia e a Mística do Coração nos dão as pautas da ascética mística de Cafh; também nos dão o marco de referência necessário para conhecer nosso processo místico particular.

Começamos avaliando a fase em que estamos.

A forma mais simples e direta de avaliar onde nos encontramos em nosso processo místico – qual é nosso estado de consciência – é discernir a qualidade de nossas relações.

Como efetuar essa avaliação? Embora nosso estado místico seja subjetivo, podemos avaliá-lo objetivamente através de como o expressamos no meio em que vivemos, inclusive nas atividades às quais damos carácter espiritual, como as reuniões periódicas, os retiros, as conferências particulares.

As reações que produzimos nos outros nos dizem como eles percebem a nossa intenção, nossa atitude, nossa participação, nosso amor, nossa empatia. Em outras palavras, dizem-nos como eles avaliam nossa mística. Nem sempre essa avaliação coincide com a nossa. Se nos ajustamos à avaliação objetiva dos que nos rodeiam, contamos com um dado moderador para a nossa autoanálise. Se não fazemos isto, mantemo-nos no círculo vicioso de julgar subjetivamente um estado também subjetivo: juiz e parte ao mesmo tempo.

Por exemplo, o estado em que deixamos os lugares e os objetos que usamos mostra, tanto para nós quanto para os outros, em forma medianamente objetiva, nosso amor, participação e empatia com o âmbito em que vivemos.

Seguindo estas simples pautas, as avaliações objetivas que fizermos a seguir nos mostrarão a orientação de nosso processo místico.

Para efetuar esse cotejo, verifiquemos primeiro se nossa prioridade fundamental coincide com o fim que queremos dar a nossa vida.

Lancemos luz em qual é o propósito básico de nossas motivações, o que nos move a atuar como atuamos, a decidir como decidimos; o que ocupa nosso tempo, nossa mente, nossos sentimentos: o que buscamos em realidade; desta forma conheceremos nossa prioridade atual fundamental.

O que buscamos nos sucessivos “agora” nos revela o sentido, subjacente em nossas decisões circunstanciais, que damos à vida em geral e a nossa vida em particular. A mística que vivemos e a maneira como a entendemos dependem desse sentido; neste tomam corpo – e sentido – a meditação diária, o estudo das ensinanças, as reuniões e, em geral, todos os aspectos de nosso método de vida.

Verifiquemos também se ocorrem em nós as mudanças próprias do processo místico. Embora este processo não seja linear, para o benefício de uma análise tratemos de imaginá-lo como uma linha que parte do egocentrismo cerrado e termina na união da consciência individual com a consciência cósmica.

No extremo do egocentrismo cerrado, o que realmente importa é a vida de cada em particular, como cada um se sente e o que ganha para seu próprio benefício. As ideias que cada um possa ter sobre a vida em geral e sobre a sua trama de relações não afetam em maior grau a sua conduta. Sua noção de ser é a de um ente separado, independente e livre

para agir como convenha a seus fins, e com essa noção de ser se localiza dentro do contexto humano e busca unir-se a Deus.

À medida que se avança para o outro extremo dessa linha, muda a sua percepção de sua relação com o entorno e, junto com ela, a do bem que pode alcançar, do caráter de sua responsabilidade e de sua liberdade.

Assim como é evidente para nós que não podemos sair do quadro da vida, assim também compreendemos que tampouco podemos extrair-nos do campo da humanidade, que o bem individual inclui o bem do conjunto e vice-versa, que a união de uma consciência individual com a consciência cósmica abre caminho para a humanidade para essa união.

Ao desenvolver nossa empatia e nosso sentido de participação, reduzimos as margens que damos a nossa latitude para decidir e agir de forma independente. Nosso nível de participação nos sinaliza as ações e decisões necessárias para que o nosso bem se vincule ao bem do conjunto.

Da mesma maneira, nosso sentido de responsabilidade se desenvolve desde o extremo de rechaçar qualquer compromisso até o de reconhecer que estamos comprometidos pelo simples fato de existirmos dentro de um conjunto. Essa consciência nos move a mudar a ideia de que somos livres para fazer de nossa vida o que nos convenha pela de confirmar nosso compromisso existencial através de ações e decisões coerentes com essa participação.

Este processo místico mostra que a ideia de liberdade também está em processo, que tão importante quanto a liberdade que nos dão os direitos humanos é a forma como usamos esses direitos ante o compromisso iniludível de viver em relação. Ao colocar a liberdade individual e os próprios direitos neste contexto, ganham primazia a autoanálise e o autodomínio – o aspecto ascético – e o amor centrado no bem de todos – o aspecto místico – para decidir como exercemos nossos direitos e que uso fazemos de nossa liberdade.

O processo místico também nos ensina que as experiências místicas isoladas que possamos ter expandem nossa consciência quando formam parte integral de um trabalho espiritual sistemático no marco da vida diária. Essa expansão é medida através da maneira como essas experiências influem em nossa vida cotidiana. Por exemplo, em que medida elas não só ampliam nossos pontos de vista, dissolvem nossos preconceitos e desenvolvem nossa empatia, mas também como expressamos estes adiantamentos de forma concreta em nossas relações. Se as experiências místicas não ampliassem o entorno com o qual nos identificamos, não desenvolvessem nosso sentido de participação e não expressássemos esse desenvolvimento em nossa conduta, por mais gratificantes que fossem essas experiências não impulsionalariam nosso desenvolvimento. Pelo contrário, elas nos dariam a ilusão de estar realizando uma mística quando, na realidade, nossos pensamentos e sentimentos e, particularmente, nossas atitudes e ações estariam mostrando o contrário.

Que papel desempenha a renúncia no processo místico?

De acordo com a Doutrina de Cafh, a mística não só se baseia na renúncia, mas também a pressupõe.

Cada passo que damos significa deixar outro para trás. Mas o temor que subjaz em nós devido à incerteza em que vivemos nos move a aferrar-nos aos apoios que nos prometem segurança. Quando contamos com base suficiente para crer-nos seguros, identificamo-nos a tal ponto com esta segurança que sentimos como um despojamento – uma renúncia–avançar outro passo em nosso desenvolvimento.

Porém se nosso imperativo é desenvolver-nos, damos sentido expansivo a nossa renúncia; o despojamento passa a ser liberação.

Renunciamos porque viver é renunciar; em situações que



devêm não podemos deter o fluxo da vida nem cristalizar nossos logros e conquistas.

Renunciamos para que as ferramentas que nos dá a Ascética da Renúncia nos mantenham abertos para aprender sobre nós mesmos e sobre nossa relação com a vida e o mundo. Se não renunciássemos, reforçaríamos com essas ferramentas o estado no qual já estamos, enquanto pensamos que adiantamos pelo simples fato de usá-las.

Renunciamos para liberar-nos, para amar sem atar, para participar sem pedir, para desenvolver uma noção de ser não restrita a limites prefixados; para expandir nossa consciência para a união com Deus tal como o divino se revele em nós.